

No dia 20 de Setembro, Maria Cristina Franco Ferraz relançou seu livro *Nietzsche: o bufão dos deuses*, pela editora n-1, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Originalmente lançado no Brasil em 94, o livro é um marco nos estudos nietzschianos, por abordar, de forma cuidadosa, a partir das cartas de Nietzsche para seus contemporâneos, a influência do contexto histórico e pessoal do autor para sua filosofia. Nosso editor, Leo Moreira Lima, esteve presente no evento e pôde entrevistar Maria Cristina, o resultado dessa conversa apresentamos agora para nossos leitores.

Revista Trágica – “O bufão dos deuses” é um epíteto bastante perspicaz para tratar da obra de Nietzsche, você poderia falar um pouco sobre a concepção do título e como ele dialoga com o corpo do texto?

MARIA CRISTINA – Esse título remete, de modo direto, a um trecho do aforismo 223 de *Além do bem e do mal*, que encontrou ecos na leitura de *Ecce Homo* efetuada no livro, tese de Doutorado em Filosofia defendida na universidade de Paris 1-Sorbonne, em março de 1992.

Nesse aforismo, após diagnosticar a falta de “próprio”/autós dos homens de seu tempo, sua necessidade de prover-se de fantasias historicamente fabricadas, Nietzsche traça a figura do homem-mistura europeu (*Mischmensch*), extraíndo desse “déficit” identitário a potência filosófica da mestiçagem, do carnaval e da paródia, como estilo paradoxalmente “original” que sua época favoreceria:

“somos a primeira época estudiosa em matéria de ‘fantasias’, quero dizer, de morais, artigos de fé, gostos artísticos e religiões; preparada, como nenhuma época anterior, para o Carnaval de grande estilo, para a mais espiritual gargalhada e exuberância momesca, para a altura transcendental da suprema folia e derrisão aristofanesca do mundo. Talvez descubramos precisamente aqui o reino de nossa *invenção*, esse reino em que também nós podemos ainda ser originais, talvez como parodistas da história universal e bufões de deus. Quem sabe, se nada mais do presente existir no futuro, justamente a nossa *risada* tenha ainda futuro.”

Observe-se que se trata de um “Carnaval de grande estilo”, da “mais espiritual gargalhada e exuberância momesca”, da “altura transcendental da suprema folia e derrisão aristofanesca do mundo”. Ou seja, do estilo parodístico elevado à sua mais

alta potência. Potência do falso que se encarna e aciona um movimento de vida e de pensamento radical e arriscado.

Essa me pareceu uma chave-mestra para ler o texto “autobiográfico” no qual Nietzsche avança em cena portando a máscara do Cristo coroado de espinhos, pronto para o sacrifício final. Máscara que impregnou, aliás, uma longa tradição artística e pictórica no Ocidente. Portanto, já inserida no campo do falso, do mimético, do ficcional que, alçados à sua mais alta potência, inaugura novos trajetos para o pensamento. O que estava em jogo, como diversas vezes sinalizado ao longo da obra, era a ultrapassagem do “trágico” (entre aspas) das morais e das religiões ocidentais, por efeito da paródia em sua “altura transcendental”, em direção ao trágico dionisíaco, atravessado pelo “riso de ouro” dos deuses. Por isso o plural inserido por mim na expressão nietzschiana: “bufão dos deuses”. Também por conta da afirmação nietzschiana da comédia da existência como encenação apta a distrair os deuses, entediados com a imortalidade. O que, ao mesmo tempo, festeja a finitude, funcionando como cura para a mais persistente doença diagnosticada por Nietzsche em nossa cultura: o ressentimento com o tempo em um duplo sentido, por sua finitude e sua irreversibilidade

*Revista Trágica – Em diversas passagens do livro, você percorre as correspondências do filósofo com seus amigos e editores e evidencia a insatisfação com a pouca ou má leitura de suas obras na Alemanha e na Suíça, à época. Pouco depois, os escritos nietzschianos despertaram interesse em escala global; já se vai mais de um século da morte do autor e seu pensamento não dá sinal de exaustão, pelo contrário – hoje, continua exigindo uma leitura lenta, contínua, ruminante. Nesse aspecto, qual o papel da compreensão do contexto histórico e pessoal de Nietzsche para a leitura e o desdobramento de sua filosofia?*

MARIA CRISTINA – Como Doutoranda em Filosofia na Sorbonne, era-me exigido ler toda a obra no original e trabalhar a partir do texto em alemão. Tal era também a exigência de minha orientadora, Sarah Kofman. Estudando alemão de modo intensivo no Instituto Goethe de Paris e, depois, durante 3 meses em 1988, em uma Berlim ainda cindida pelo muro, adquiri a edição completa, editada por Colli e Montinari, tanto das obras quanto da correspondência de Nietzsche, esta última até então inédita em Paris. Como em *Ecce Homo* se pode ouvir a um só tempo um tom exasperado e

bufo, pareceu-me imprescindível investigar o entorno da obra, tanto através de biografias existentes (Curt -Paul Janz, Lou Salomé, Klossovski, Podach, dentre outros) e sobretudo através da leitura dos 8 volumes de cartas de Nietzsche. A primeira carta, endereçada à sua avó Erdmuthe, data de junho de 1850, quando o filósofo tinha 6 anos incompletos. De algum modo, percorrer as máscaras autobiográficas performadas nas cartas ao longo dos anos refluíu para uma aproximação mais delicada do texto autobiográfico escrito até as vésperas da assim chamada “crise de Turim”.

Pareceu-me então enriquecedor (tanto para o público francês quanto para o brasileiro) acrescentar ao livro essa fonte suplementar, o que permitia igualmente retomar certos malentendidos que ainda pairavam (e talvez ainda parem) sobre o filósofo. Sobretudo sua confusão com um antissemita ou um novo profeta. Claramente, para Nietzsche, o horror ao alemão nacionalista de sua época bem como sua adesão à bufonia, ambas expressas nas cartas e nas obras (se lidas e ruminadas), não deixam dúvidas acerca de tais confusões.

Esse material, lido e fichado ao longo de 2 anos e meio, precisava, a meu ver, ser divulgado. Além disso, conforme já sinalizei, a leitura das cartas foi de fato me aproximando ainda mais das perspectivas filosóficas de Nietzsche, sempre amalgamadas à sua vida. Foi-me mostrando de que modo ele “se contava” sua própria vida, em cartas e obras. Era importante, entretanto, manter a sutileza do “pathos da distância” com relação a esse material: tanto para não rebaixar o texto autobiográfico ao plano de interpretações ou explicações psicologizantes quanto para fazer jus ao tema nietzschiano da profundidade das máscaras. Era sempre preciso salientar o aspecto enigmático e instigante, não confundindo o autobiográfico com o “confessional” – o que significaria um malentendido dos mais grosseiros em se tratando da filosofia nietzschiana. A própria construção do texto autobiográfico pode ser lida como um dispositivo anti-confessional, como uma aposta na potência performativa das máscaras, em total consonância com seu pensamento.

Daí talvez um dos traços de sua extemporaneidade, de seu interesse atual.

*Revista Trágica – Ecce Homo, como Zarathustra, marca também uma posição de estratégia de escrita: não só é possível fazer filosofia sem renunciar à vida e à arte, mas é necessária uma filosofia que as afirme em aliança. No livro, você cita a desavença de Nietzsche com Karl Spitteler, que em resenha geral para o Bund, tomou*

*o Zaratustra por “superior exercício de estilo” e fez votos para que Nietzsche, no futuro, cuidasse também do conteúdo. Ficava evidente a dificuldade com uma escrita que não ocupava o lugar de mera formalização de um pensamento abstrato, mas se apresentava ela mesma como prática filosófica. Contemporaneamente, essa dificuldade foi superada? Quais os desafios em se adotar outras estratégias de escrita filosófica além das premissas de “impessoalidade e objetividade”?*

MARIA CRISTINA – A leitura da obra de Nietzsche parece de fato requerer – e produzir – as “pequenas orelhas” de que fala o filósofo e que salientei em um capítulo do livro *Nove variações sobre a filosofia nietzschiana* (Relume Dumará/Sinergia, 2002). Nela tende a perder sua primazia o regime do “falar de”, que Barbara Cassin salienta como a perspectiva filosófica tradicionalmente vitoriosa, em detrimento do “falar para” preconizado pela retórica, pela sofisticada, desqualificado como enganoso pelo platonismo, além de descomprometido com a busca da verdade. Muitos textos de Nietzsche têm algo de performativo, não mais se pautando pelo impulso de “dizer o que é”, mas por uma perspectiva aproximável, nesse sentido, da estratégia sofisticada, aliada ao ficcional, que se pode assim sintetizar: “fazer ser o que diz”. Explorei ainda essa temática em um livro de 1999, intitulado *Platão: as artimanhas do fingimento*.

Ler Nietzsche convoca, portanto, certa arte da leitura como interpretação, conforme ele mesmo salienta no parágrafo 8 do prefácio à *Genealogia da moral*. Leitura como “interpretação” dedicada, requerendo vários estômagos, dizendo respeito ao ouvido e ao gosto. Trata-se de deixar de ser um “homem” para aproximar-se da inteligência ruminante de uma vaca – censurada, por exemplo, nas traduções francesas, que preferiram verter esse trecho como “raça bovina”.

O tema das pequenas orelhas, labirínticas e pouco afeitas à estridência da informação que já açodava o homem europeu do final do século XIX, encontra um contraponto na figura do asno em *Zaratustra*, aquele que só aquiesce, dizendo I-a – soando como o “sim” em alemão. Aquiescência tola, fraca. Orelhas que nada filtram, tais como as do aleijão invertido que também se introduz no *Zaratustra*: o homem que possui uma orelha hiperdimensionada, sustentada por um corpo ínfimo, orelha sem filtro, disponível para a informação e desprovida de estômagos aptos a avaliar. Que aleijões Nietzsche teria elaborado, se nos visse atrelados a nossos computadores e celulares no século XXI, atados ao regime da imediatez e premência on-line?

Podemos então pressentir de que modo, através de diversas estratégias (aforismos, textos polifônicos ou paródicos), Nietzsche selecionava pequenas orelhas e, sobretudo, ativava corpos capazes de ruminar suas ideias-textos de maneira singular e “própria” – um *próprio* que justamente lança o leitor para a perda de “si”, em direção a novas aventuras do pensar e viver. Mas, para isso, é preciso ser um corpo: no aforismo 381 de *Gaia ciência*, o filósofo afirma que lida com “problemas profundos” como com banhos frios (na fria Alemanha) – *schell hinein, schell hinaus* (entrar e sair rapidamente).

Os estilos Nietzsche furtam-se, igualmente, a qualquer imitação: não instituem sistemas, mas convocam o risco do gesto criador. Para todos – e para ninguém.

*Revista Trágica – No posfácio, refletindo sobre a persistência do interesse no tema e o tempo que dispunha para a escrita da tese, na condição de bolsista em uma universidade estrangeira, você pondera: “os atuais regimes de vida on-line, a quantificação da produtividade e a imediatez de resultados não tem esgarçado nossa atenção tanto quanto corroído paixões capazes de persistirem no tempo?” Como abordar o ensino de filosofia e, especificamente, do pensamento nietzschiano inserido nesse regime de imediatez?*

MARIA CRISTINA – Certamente os regimes de vida atravessados por uma demanda de conectividade 24/7 (cf. Jonathan Crary), que dispersa e fragmenta a atenção, tende a curtocircuitar práticas de ruminação, fechando a porosidade da pele a afetos, a novos encontros e produzindo aleijões antecipados por Nietzsche em *Zarathustra*. Nesse sentido, convocar à ruminação de textos filosóficos requer muita sedução, que passa certamente pelo grau de vitalidade do corpo do próprio professor. Parece-me que é por isso mesmo, na contramão dos efeitos dessa aceleração e monetarização da vida, que o ensino da filosofia (na ótica aqui insinuada) se torna ainda mais extemporâneo e, por isso mesmo, imprescindível como forma de resistência. Os *podres poderes* que imperam atualmente no Brasil estão talvez mais a par disso do que muitos de nós.

Praticar a ruminação filosófica é ralentar a aceleração banal e cotidiana para ganhar um outro e raro tipo de velocidade. É, portanto, o contrário da lentidão ou morosidade, na medida em que reativa e abre o corpo sensível e experiencial. Portanto, nossa época parece-me oportuna para o ensino e a prática filosófica.

Retomo aqui trechos de Giorgio Agamben, que coloquei em epígrafe a meu último livro – *Ruminações: cultura letrada e dispersão hiperconectada* (Garamond, 2015) - e que relê o “contemporâneo” à luz da extemporaneidade nietzschiana:

“Contemporâneo é aquele que recebe em plena cara o feixe de treva que provém do seu tempo.”

“É como se aquela luz invisível que é o escuro do presente projetasse sua sombra sobre o passado e este, tocado por esse feixe de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas de agora.” (Giorgio Agamben, *Nudez*)

Os textos de Nietzsche revigoram o corpo, abrem-no a risos e afetos, respondendo também por isso às *trevas do presente*.

*Revista Trágica – Por fim, como você enxerga o cenário brasileiro de estudos nietzschianos?*

MARIA CRISTINA – Quando publiquei o *Bufão* pela primeira vez, em 1994, o cenário de estudos nietzschianos no Brasil era ainda mais rarefeito, concentrando-se em alguns poucos especialistas que foram formando gerações de pesquisadores. O que é, sem dúvida, bastante enriquecedor. Há, entretanto, por um lado o problema crescente da dificuldade de editar e divulgar livros e, por outro, a surdez que a estridência comunicacional igualmente propicia. O tempo e a dedicação à leitura ruminante é solapado, o que é compatível com a lógica espetacularizada da visibilidade midiática, que tende a invisibilizar o trabalho acadêmico, intelectual e universitário. A alternativa torna-se a seguinte, de modo sintético: ou bem se ocupa os mídia, tornando-se filósofos de plantão, ou se mantém no trabalho cotidiano, universitário ou não, muitas vezes tomado como inexistente – uma vez que o regime de visibilidade já detectado por Debord também sugere que o que “não aparece, não existe”. Também nessa questão o que está em jogo é avaliar o valor dos valores atuais – como sempre, a genealogia. E talvez também essa problemática (por vezes vivida como dilema) já estivesse antecipada por Nietzsche, que por momentos se exasperava com o fato de não ser lido, ao mesmo tempo em que se sabia um autor póstumo.

Nunca se decidiu para mim, de modo preciso, o tom (no mínimo ambíguo) de um trecho de carta ao dinamarquês Georg Brandes, datada de 20 de outubro de 1887, em que o filósofo cita o epitáfio inscrito no túmulo de Descartes:

“O senhor bem pode ver com que tipo de pensamentos póstumos eu vivo. Mas uma filosofia como a minha é como um túmulo: não se vive mais com ela. ‘*Bene vixit, qui bene latuit*’ [Viveu bem quem se escondeu bem]: eis o que está inscrito na lápide de Descartes. Um verdadeiro epitáfio, não resta dúvida!”

Esconder-se certamente não equivaleria simplesmente a furtar-se à inflação comunicacional. Mas resta a questão: como então disseminar o trabalho filosófico, para que não se torne um túmulo?

*A Revista Trágica agradece a Maria Cristina pela gentileza em compartilhar conosco um pouco do processo de escrita do livro e de suas visões acerca do ensino e produção de estudos nietzschianos no Brasil.*